

visual muito concreto (cf. Aves, Rãs, Vespas), esperar-se-iam umas Nuvens vaporosas (túnicas de tule ou organza) e um colorido simbólico (branco, tons de cinzento). A indumentária que vimos seria mais própria da Assembleia de Mulheres ou da Lisístrata.

Estas pequenas objecções em nada diminuem o mérito do realizador: antes querem realçar o grande interesse (não desmerecido), com que vimos as suas *Nuvens* – bem dignas de ser apresentadas noutra hora... Infelizmente, os responsáveis pela televisão estatal entendem que os telespectadores menos conformistas têm de sacrificar às Musas as suas horas de sono. Cansam-nos de tanto falar na *Europa*. Mas, na Europa, os clássicos estão na moda. Se nos recordarmos, nomeadamente, de que um dos últimos grandes êxitos do West End londrino foi, imagine-se, a *Lisístrata* (encenação de Peter Hall), temos de reconhecer que passar Aristófanes a desoras revela, pelo menos, uma grande falta de visão... europeia!

Maria Isabel Rebelo Gonçalves

GIÁNNOS RITSOS, *Antologia*. Selecção, tradução e prefácio do Custódio Magueijo. Coimbra, Fora do Texto, 1993.

Porquê o destaque conferido na *Classica* a um livro de poemas, de um autor do nosso século, G. Ritsos, escritos, obviamente, em grego moderno?

A resposta é simples e afigura-se evidente para quem tiver a dita de ler, apreciar, saborear longamente esta Antologia de belíssimos poemas.

Em primeiro lugar, pelo tradutor. Custódio Magueijó, que verte com igual excelência o grego antigo e o grego moderno, e que, mais que ninguém, não só traduz como respeita a poesia do original, é sem dúvida o grande responsável por lermos Ritsos sem deplorarmos em demasia que esta edição não seja bilingue.

Em segundo lugar, porque a *Antologia* está abundantemente polvilhada de poemas em que reencontramos as figuras da mitologia, os heróis dos tempos homéricos, o espírito clássico que persiste em quem também sofreu e sublimou a dor em poesia no século das duas guerras mundiais e de outras atrocidades que o homem não pode nem quer esquecer.

Tomemos um exemplo, talvez o mais belo: é Penélope quem reencontramos. Desta vez, porém, ela olha o regressado Ulisses, reconhece-o, mas o amor esvaiu-se nos anos e em amargura.

O DESESPERO DE PENÉLOPE

Não é que o não tivesse reconhecido à luz da lareira; não era pelos farrapos do mendigo, pelo disfarce – não; sinais evidentes: a cicatriz no joelho, a força, a malícia no olhar. Atterrada, encostando as costas à parede, buscava uma justificação, só mais um instante de adiamento, para não responder, para não se trair. Fora então por esse que havia gasto vinte anos, vinte anos de espera e de sonhos, por este miserável, este homem coberto de sangue e de barba branca? Atirou-se, sem fala, para cima de uma cadeira, contemplou lentamente os pretendentes mortos, jazentes no chão, como se contemplasse, mortos, os seus próprios desejos. E "Bem-vindo", disse-lhe, ouvindo, estranha, longínqua, a própria voz. A um canto o tear enchia o tecto de sombras gradeadas; e todos os pássaros que havia tecido com fios vermelhos e brilhantes, poisados nos verdes ramos, subitamente, nesta noite do regresso, mudaram para cinzento e negro, voando baixo no céu plano da sua derradeira paciência.

21.IX.68

Não buscamos outros exemplos. Que o leitor acredite em nós: vale muito a pena atardarmo-nos nesta *Antologia*. Como amantes do mundo clássico. Como homens do fim do século XX.

Há, no entanto, uma outra razão que justifica o interesse que, no caso específico dos professores das Línguas Clássicas, esta *Antologia* merece. É que a maior parte dos poemas de Ritsos são de um grego tão puro como o antigo, e podem entender-se e traduzir-se com a simples ajuda do tão conhecido *Bailly*. Que melhor motivação para o ensino do Grego que um poema do século XX?*

Cristina de Sousa Pimentel

* Chama-se a atenção para as pp. 199 desta revista 'Um poema neo-helénico'.